

TECHNÉ, TECNOLOGIA E A CRÍTICA DO DEUS METAFÍSICO EM HEIDEGGER TECHNÉ, TECHNOLOGY AND HEIDEGGER'S CRITICISM OF THE METAPHYSICAL GOD

Guilherme Cavalcante Silva¹

Resumo: Uma das principais inquietações do denominado segundo Heidegger é acerca da técnica moderna e sua instauração como 'ápice' da metafísica, a consumação do processo histórico de fixação e mensuração do Ser. Embora já presente no clássico 'Ser e Tempo', é na conferência 'A Questão da Técnica' que o filósofo alemão trabalha a técnica para além de uma abordagem instrumental e orientada para os objetos técnicos. Para ele, técnica é o modo pelo qual as coisas se apresentam como existentes para o ser humano na contemporaneidade, como coisas passíveis de produção, problematização, cálculo e reprodutibilidade. Heidegger aponta este pensamento como sendo o ápice de uma história (*Seingeschichte*) de constante apreensão do Ser que se inicia com os gregos, através de Platão. A partir da crítica de Heidegger à metafísica e de sua forma de expressão contemporânea, este trabalho busca traçar, por meio da própria reflexão do filósofo no texto acima citado e em outras obras, uma crítica da teologia conforme esta se desenvolveu dentro da metafísica e se encontra na era da técnica moderna. Desta maneira, procura contribuir para se pensar Deus e a teologia fora da metafísica. A análise teórica conta também com uma revisão bibliográfica de autores intérpretes da filosofia heideggeriana.

Palavras-chave: técnica; Deus; pós-metafísica; Martin Heidegger.

Abstract: One of the main concerns of the so-called Heidegger's later philosophy rests upon modern technology and its instauration as the 'consummation' of metaphysics, the end of an historical process of mensuration and grasping of Being. Although already present in his seminal "Being and Time", it is in the conference "The Question Concerning Technology" that the German philosopher builds the concept of technology beyond an instrumental and dispositive-oriented approach. For him, technology is the mode in which beings are disclosed as existing entities for the human being in contemporaneity, as passible of production, problematization, calculation and reproducibility. Heidegger points to this thinking as being the consummation of a history (*Seingeschichte*) of continuous apprehension of Being's disclosure ignited with the Greeks through Plato. Departing from Heidegger's destruction of metaphysics and his criticism of its modern expression, technology, this paper seeks to delineate a criticism of theology as this field developed itself within metaphysics and appears at the modern technology era, building upon heideggerian reflections over the mentioned texts and other works of his. This way, this paper wants to contribute to a post-metaphysical theology and understanding of God. The analysis also covers a significant range of literature review on heideggerian philosophy readers.

Keywords: technology; God; post-metaphysics; Martin Heidegger.

1) Introdução

¹ Mestrando em Divulgação Científica e Cultural (Universidade Estadual de Campinas - Unicamp). Graduando em Teologia (Centro Universitário Adventista de São Paulo - Unasp). Email: guilhermecavalcantesilva@outlook.com

Entre os pensadores que trouxeram maior inquietação ao pensamento contemporâneo indubitavelmente se encontra o filósofo alemão Martin HEIDEGGER. E entre os assuntos que ocuparam de maneira mais decisiva os seus escritos, a sua crítica à metafísica é, talvez, o fio principal de sua obra, um tema que perpassa desde o seminal *Ser e Tempo* até à reflexão do denominado segundo HEIDEGGER. Entretanto, as implicações de seu tratamento sistemático da metafísica como onto-teo-logia em relação com suas tratativas acerca da técnica moderna foram pouco notadas, aparecendo esta como o ápice do discurso onto-teo-lógico, a sua consumação.

O objetivo desta comunicação é tratar desta relação entre a técnica moderna e a onto-teo-logia, termo que o filósofo cunha para a metafísica ocidental, nos escritos de HEIDEGGER. Afinal, de que maneira é a técnica a ‘consumação’ da metafísica? De que modo a técnica moderna é também uma teologia, filosoficamente falando? Qual a contribuição da crítica de HEIDEGGER à técnica como uma onto-teo-logia para se falar em Deus fora da metafísica?

Tendo em vista a contribuição ao debate, esta pesquisa apresenta discussões em diálogo com autores como Jeffrey Bishop, Tales Tomaz e Iain Thomson, entre outros. A proposta é de oferecer elementos que auxiliem as discussões no campo da Fenomenologia da Religião, em especial em alternativas à via onto-teo-lógica de se ponderar acerca do Divino.

Esta discussão será dividida em três partes: na primeira, buscamos revisitar os principais pontos da questão da técnica em HEIDEGGER, tendo em vista, de modo especial, sua conferência “A Questão da Técnica”; logo após, procuramos resumir a crítica de HEIDEGGER à onto-teo-logia e relacioná-la à visão HEIDEGGERiana da técnica moderna; na terceira, discutimos acerca da técnica moderna como o discurso preeminente onto-teo-lógico da contemporaneidade, a partir da qualificação que HEIDEGGER a atribui como ‘consumação da metafísica’. Por fim, apresentamos as considerações finais acerca dos tópicos discutidos.

2) A questão da técnica em Heidegger

Um aspecto decisivo é a reinterpretação do espírito como inteligência, sendo esta meramente a perspicácia na análise, cálculo e observação das coisas dadas de antemão, suas possíveis mudanças e nova produção (HEIDEGGER, 2000, p. 49)².

² “One decisive aspect is the reinterpretation of the spirit as intelligence, and this as mere astuteness in the examination, calculation and observation of given things, their possible modification, and their additional elaboration” (tradução nossa).

Um dos questionamentos que perpassam HEIDEGGER é acerca do modo como costumamos problematizar o mundo³ tecnicamente. De todos os lados, o ente humano se encontra lidando performaticamente com as coisas, sejam elas ‘naturais’, ‘artificiais’ ou ele próprio. HEIDEGGER então indaga até que ponto o procedimento técnico-instrumental é meramente objetivo ou neutro.

Em ‘A Questão da Técnica’, HEIDEGGER (2007, p. 376), de pronto, sentencia que “a essência da técnica não é, de modo algum, algo técnico”. O filósofo não quer aqui apontar que os objetos técnicos são meras sombras de algo mais elevado. Um exemplo que ilustra esta compreensão de HEIDEGGER se encontra na história dos índios de Taos. Reza a lenda que, na chegada dos espanhóis à tribo, no Novo México, o povo local foi introduzido ao arado, típico aparato técnico dos europeus utilizado para o cultivo.

De imediato, o uso do instrumento foi combatido pelos índios nativos, que alegavam que o objeto feria o seio da terra. Tal fato mostra que o arado, aparentemente um meio neutro, mostrava, na verdade, duas formas diferentes de se relacionar com a realidade. Para os índios, a terra era quase uma deidade. Para os espanhóis, era um conjunto de minérios disponíveis para o uso e exploração pelos seres humanos (SEUBOLD, 1986). O instrumento, portanto, revelava uma relação específica com o real e, mais especificamente, o que o real era para cada um dos povos. Nas palavras de TOMAZ (2017, p. 128), “empregar outro meio não é simplesmente fazer a mesma coisa de outra forma, mais eficiente. Um outro meio exige uma outra relação com as coisas.”

Isso fica claro com a origem do termo técnica. Os gregos denominavam por τέχνη [*techné*] um dado tipo de saber, dominado [possuído] pelo τέχνιτες [*téchnites*]. Para quê? Não somente para tratar com as coisas instrumentalmente, mas para “servir-se de um cuidadoso procedimento que, desde o início, tem prefigurado o fim ao qual conduzirá o interrogado” (MICKLE, 1998, p. 20)⁴. “Saber significa: ter uma antevisão daquilo a que se fará emergir na produção de uma estrutura [*Gebilde*] ou de uma obra” (HEIDEGGER, 2013, p. 120)⁵. Portanto, a técnica não é somente um instrumento a serviço de um sujeito neutro, mas uma relação estabelecida com as coisas. Nas palavras de HEIDEGGER, a técnica é um modo de desabrigar, trazer algo do oculto para à luz. Qual luz? A luz de ser algo. “Quando Heidegger afirma que a técnica é um modo de desabrigar, ele quer ressaltar que o produzir técnico não é

³ É importante ressaltar que, por mundo, o filósofo não se refere propriamente ao planeta Terra. Mundo, nas palavras do filósofo alemão, “é um caráter da própria presença” (HEIDEGGER, 2005, p. 105). Mundo não é mais uma coisa entre outras coisas à disposição, mas “a totalidade de significados e referências em que estamos envolvidos [...] desde o início” (TOMAZ, 2016, p. 4).

⁴ “servirse de un cuidadoso procedimiento que, desde su inicio, tiene prefigurado el fin al cual conducirá a su interrogado” (tradução nossa).

⁵ “to know means: having in view, in advance, that which is at stake in the production of a structure [*Gebilde*] and of a work” (tradução nossa).

simplesmente o manejar de uma ferramenta, mas um modo de determinar o ser das coisas” (TOMAZ, 2017, p. 127). E vale destacar, para HEIDEGGER, só podemos produzir, inventar, pois já estamos, desde o início, em relação com as coisas, uma relação não-instrumental, mediada pelo Ser.

Que dizer da técnica na contemporaneidade? Ela não simplesmente corresponde ao desabrigar das coisas, atuando dentro dos limites da “luminosidade” do que aparece, usando o termo heideggeriano (HEIDEGGER, 2013). Para ele, a essência da técnica na modernidade é disponibilidade/armação [*Gestell*]. Na era tecnológica contemporânea, o quê das coisas e o que elas são só ocorrem a partir da performance delas, de sua função. Especialmente após a filosofia nietzscheana, todos os entes passam a ser englobados como “concatenações de energia a serviço da vontade humana” (THOMSON, 2000, p. 306)⁶. As coisas são apenas um conjunto de conexões, links e aparatos passíveis de problematização e resolução.

Portanto, neste pensamento, transferir ‘seres humanos’ por meio de um processo de upload virtual, portar um celular com a capacidade de compreender o Ser das coisas, modificar o corpo a partir de próteses digitais ou clonar uma ovelha correspondem a, tão somente, diferentes modos de organização de matérias ou elementos, passíveis de cálculo e formalização.

A crítica de HEIDEGGER, no entanto, não pode ser reduzida a um pessimismo apocalíptico acerca da tecnologia. Há algo primordial no fato de HEIDEGGER elucidar a técnica moderna como o modo em que as coisas se revelam como existentes, ou melhor, *são destinadas*, na presente época historial. “Para Heidegger, há uma ‘história do ser’ que ‘não é nunca uma sequência de fatos que o ser por si mesmo percorre’. Em vez disso, trata-se de uma história em que o ser se dá de diferentes formas” (TOMAZ, 2017, p. 133).

3) Técnica e a crítica de HEIDEGGER à onto-teo-logia

A história do Ocidente, em HEIDEGGER, é a história de viradas epocais que moldam a maneira em que os entes são pensados como entes e como os entes são desvelados. HEIDEGGER chama a história do Ser [*Seinsgeschichte*] no Ocidente de metafísica. Nas palavras de THOMSON, a metafísica “é o que provê fundamento ontológico para cada época de inteligibilidade” (THOMSON, 2000, p. 298)⁷. A característica-chave da metafísica é a necessidade de fundamento para os entes. Fundamento para a questão: O que são [os entes]? HEIDEGGER nota que no Ocidente a resposta para esta questão sempre se deu

⁶ “concatenations of energy in the service of human will” (tradução nossa).

⁷ “provides each historical ‘epoch’ of intelligibility with its ontological bedrock” (tradução nossa).

bifurcadamente. “‘O que é um ente?’ pode ser tratada como perguntando tanto pelo que torna um ente um ente [e portanto, indagando por uma ‘essência’ dos entes como tais] ou pela maneira em que um ente é um ente [e, portanto, buscando por sua ‘existência’ como um todo]” (THOMSON, 2005, p. 12)⁸.

A primeira é uma questão ontológica, e a segunda uma questão teológica. A metafísica, para HEIDEGGER, pensa ontologicamente quando busca “o que é comum a todos os entes” (HEIDEGGER, 1969, p. 70)⁹. A metafísica torna ontologicamente algo comum a todos os entes. Quando a disponibilidade/armação técnica pensa acerca da performance das coisas, ela pensa ontologicamente. Seu olhar se fixa na performance que é comum a todos os entes. O que fundamenta os entes, portanto, na era da técnica moderna, é a função que têm dentro de determinada cadeia causal. Desta forma, à técnica moderna não escapa uma compreensão metafísica fundada ontologicamente na busca de fundamentar, tornar algo comum a todos os entes, nomeadamente sua função.

Já quando pensa teologicamente, a metafísica procura por algo que dê conta dos entes como um todo, um supremo ente, “que aparece no sentido de fornecer uma causa primeira” (HEIDEGGER, 1969, p. 70)¹⁰. A teologia metafísica, portanto, determina o Ser dos entes como o ‘ente máximo’, para além do qual não há, seja ele o ‘movedor inamovível’ ou a ‘causa autocausada’. A estrutura da metafísica Ocidental é, portanto, onto-teo-lógica. Em resumo, o papel histórico primário da metafísica é o de estabelecer, disseminar e manter um fundamento necessário para os entes.

E em que ponto a técnica moderna é teológica? No desenvolvimento do que HEIDEGGER chama de história do Ser, isto é, a história de como as diferentes onto-teologias, com seus diferentes discursos acerca do que os entes são, cada um destes discursos metafísicos, iniciados sistematicamente por Aristóteles, com sua distinção entre essência e existência, apesar de aparentarem demolirem completamente os fundamentos das épocas anteriores, guarda em si o fio condutor de cada um dos discursos anteriores: nomeadamente, “a provável necessidade aparente de fundamento” (THOMSON, 2000, p. 305)¹¹.

Isso, porém, muda com a filosofia nietzscheana da vontade de poder, no fim do século XIX. Consciente do caráter volátil de cada discurso onto-teo-lógico, Nietzsche, na leitura de HEIDEGGER, elimina qualquer fundamento ontológico sob o qual se poderia sustentar o real. O ponto-chave, para este, é que em Nietzsche, “entes *são* apenas enquanto concatenações de

⁸ “‘What is an entity?’” can be heard as asking about either what makes an entity an entity (as thus as inquiring into the “essence” or “whatness” of entities as such) or about the way that an entity is an entity (and so searching for the “existence” or “thatness” of entities as a whole).” (tradução nossa).

⁹ “that [which] is common to all beings as such” (tradução nossa).

¹⁰ “what accounts in the sense of giving the first cause” (tradução nossa).

¹¹ “the perhaps necessary appearance of ground” (tradução nossa).

forças a serviço da vontade humana, uma vontade que almeja, por fim, apenas o seu próprio engrandecimento ilimitado e assim se torna nada além de uma ‘vontade de assegurar o controle de tudo’, isto é, ‘vontade de vontade’” (THOMSON, 2000, p. 306)¹².

O discurso nietzscheano da vontade de poder, para HEIDEGGER, é ontológico por excelência. Para Nietzsche, não há mais fronteira que estabeleça os entes como tendo um fundamento. O ‘não-fundamento’ de todos eles é exatamente o fato de não serem nada em si, apenas performances à disposição da vontade humana. Em outras palavras, provê um fundamento pré-conceitual que abrange a totalidade dos entes como entes à disposição.

O detalhe é que esta é exatamente a leitura que HEIDEGGER faz da técnica moderna. Na era da técnica, as coisas estão aí, são um conjunto de causas e organizações que, assim que descritos, podem garantir o asseguramento das mesmas coisas” (SILVA, 2016, p. 52). As palavras de THOMSON são mais uma vez claras: “todos os entes, incluindo nós mesmos, somos então concebidos como, por fim, matérias-primas, recursos intrinsecamente insignificantes [*Bestand*] à espera de melhoramento para ser melhor ordenado e eficientemente disposto” (THOMSON, 2005, p. 22)¹³. Disposto pelo quê? Por essa força ordenadora que perpassa toda a vontade de poder. Em sua radicalização, a técnica moderna visa ordenar tudo em prol da alimentação da própria força ordenadora. Em outras palavras, esta se apresenta como o fundamento teológico da técnica moderna, conforme HEIDEGGER descreveu a teologia metafísica.

4) O acabamento da metafísica e Deus

É neste momento historial que, para HEIDEGGER, se encontra o acabamento da metafísica, o seu ápice. Acabamento não em sentido de destruição e desaparecimento, mas exatamente o seu perpetuar sem *telos*, sua radicalização, o momento histórico em que não há mais fora. Não há Deus para se curvar, louvar, adorar ou esperar em silêncio, à espera de Sua aparição.

Os discursos pós-humanos, que surgem como consequência natural da onto-teo-logia técnica, apenas demonstram isso claramente. “A criação da vida artificial e da inteligência artificial não é outra coisa, dizem-nos, que o *ato final* da evolução pela qual a natureza toma posse dela mesma através do homem, ao qual ela deu o poder dessa tomada de posse”

¹² “beings are only concatenations of forces in the service of human will, a will which aims ultimately only at its own unlimited self-aggrandizing increase and thus becomes nothing but ‘the will to insure the overpowering of everything’, that is, sheer ‘will to will’” (tradução nossa).

¹³ “all entities, ourselves included, are thereby conceived of ultimately only as raw materials, intrinsically meaningless resources (*Bestand*) on standby merely to be optimally ordered and efficiently disposed of” (tradução nossa).

(GORZ, 2005, p. 95). O trans e o pós-humanismo, no seu discurso teleológico de apreensão final da cadeia evolutiva, onde se encontram, ‘a totalidade dos entes’ como passíveis de programação, disseminam uma teologia onde o *summus ens*, a força ordenadora, é incorporado no “Ente que ordena os entes” (BISHOP, 2010, p. 710)¹⁴. O ‘Ponto Ômega’, de Teilhard de Chardin, onde o processo evolutivo alcança o ponto em que humanos e técnica emergem numa única consciência suprema, ou a Singularidade, de Ray Kurzweil, famoso transhumanista, onde o avanço técnico culminaria na era das máquinas espirituais, numa fusão entre humanos e o Divino.

A despeito do caráter ficcional que se possa atribuir a tais ideias, o decisivo é que à era da técnica moderna não se escapa um discurso onto-teo-lógico. Só que desta vez, não há fora. Não há mistério, esperança, espera, ruptura. A técnica não é mais apenas um meio de lidar com os entes. É o único meio. Todos os entes são apenas como passíveis de reprodutibilidade técnica. Como aponta Erick Felinto (2005), a tecnologia se tornou a mais eficaz religião da história, a única capaz de unificar toda a humanidade. De fato, o ápice de um processo histórico onde “à luz da causalidade, Deus pode se rebaixar a uma causa, a uma causa *efficiens*. E então, inclusive no seio da teologia, ele se transformará no Deus dos filósofos, daqueles [...] que determinam o que está descoberto e o que está encoberto segundo a causalidade” (HEIDEGGER, 2007, p. 389). Qualquer discurso, qualquer expectativa, qualquer Deus fora dessa relação são tidos como prova de ‘ignorância’.

5) Considerações finais

Onde chegamos pois? A princípio versamos sobre a técnica e, por fim, desembarcamos na questão do θεός. Por qual caminho? O caminho que mostra como a metafísica onto-teo-lógica ocidental, em sua busca por fundamento necessário para o que as coisas são, seja ontologicamente ou teologicamente, acabou por ‘fechar’ a via para qualquer outro Deus que não o Deus causal. A experiência de se relacionar com coisas que aparecem para nós, coisas que são, se tornou, no Ocidente, numa necessária relação racionalmente fundamentada - nos relacionamos com os entes apenas enquanto funcionais. A metafísica estranhamente acabou por ocultar, à luz do desenvolvimento histórico, que seu ‘fundamento necessário’ é um ato de fé. Na fase moderna, fé na técnica. Fé no Deus pós-humano.

A própria esperança de se pensar em Deus não-metafisicamente é, então, do ponto de vista técnico, impensável. No encerramento da sua conferência ‘A Questão da Técnica’, no entanto, HEIDEGGER (2007, p. 396) nos surpreende ao escrever que “quanto mais nos

¹⁴ “the Being that can order beings” (tradução nossa).

aproximarmos do perigo, de modo mais claro começarão a brilhar os caminhos para o que salva, mais questionadores seremos”. No perigo da apreensão de tudo a partir dos caminhos da religião técnica, aparece a possibilidade do sacrilégio. Nas palavras de BISHOP acerca do pós-humano, “questionar o futuro pós-humano é questionar o fundamento teológico do transhumanismo; e questionar o futuro pós-humano é questionar o Deus pós-humano, um sacrilégio contemporâneo” (BISHOP, 2010, p. 718)¹⁵.

Referências bibliográficas

BISHOP, J. Transhumanism, Metaphysics and the Posthuman God. *Journal of Medicine and Philosophy*. 35(6), p. 700-720, 2010.

FELINTO, E. *A Religião das Máquinas: Ensaio sobre o Imaginário da Cibercultura*. Porto Alegre: Sulina, 2005.

GORZ, A. *O imaterial: conhecimento, valor e capital*. São Paulo: Annablume, 2005.

HEIDEGGER, M. *Identity and Difference*. New York: Harper & Row, 1969.

_____. *Introduction to Metaphysics*. New Haven: Yale University Press, 2000.

_____. *Ser e Tempo*. Petrópolis: Editora Vozes, 2005.

_____. A Questão da Técnica. *Scientiae Studia*. 5(3), p. 375-398, 2007.

_____. The Provenance of Art and the Destination of Thought. *Journal of the British Society for Phenomenology*. 44(2), p. 119-128, 2013.

MICKLE, E. Téchne y técnica, ousía y materia. *Hypnos*, 3(4), p. 18-27, 1998.

SEUBOULD, G. *HEIDEGGERs Analyse der neuzeitlichen Technik*. Friburgo: Alber, 1986.

SILVA, G.C. *Elementos para uma crítica da noção cibernética da comunicação: um estudo sobre as premissas cibernéticas da comunicação à luz do avanço da inteligência artificial*. Monografia, Centro Universitário Adventista de São Paulo, 2016.

THOMSON, I. Ontotheology? Understanding HEIDEGGER’s *Destruktion* of Metaphysics. *International Journal of Philosophical Studies*. 8(3), p. 297-327, 2000.

_____. *HEIDEGGER on Ontotheology: technology and the politics of education*. New York: Cambridge University Press, 2005.

TOMAZ, T. Alteridade e Tecnologia: Implicações da Fenomenologia de Martin HEIDEGGER, 2016. In: https://www.researchgate.net/publication/324311823_Alteridade_e_Tecnologia_Implicacoes_da_Fenomenologia_de_Martin_HEIDEGGER. Acesso em agosto de 2018.

¹⁵ “To question the posthuman future is to question the theological grounding of transhumanism; to question the posthuman future is to question the post human god, a contemporary sacrilege.” (tradução nossa).

_____. *A Máquina como Outro comunicativo: crítica da concepção cibernética à luz da fenomenologia de HEIDEGGER*. Tese de Doutorado, Escola de Comunicação e Artes – Universidade de São Paulo, 2017.